



O papel da *LAN house* em contextos periféricos

The LAN house role in popular sectors

Moema Mesquita da Silva Braga^[a], Inês Vitorino^[b]

^[a] Pós-Graduanda em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE - Brasil, e-mail: moemabraga@yahoo.com.br

^[b] Professora do programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE - Brasil, e-mail: ines@ufc.br

Resumo

Poderia a *LAN house* ser compreendida como uma forma de incentivo à inclusão digital? Para responder a esse questionamento, realizou-se uma investigação na *LAN house* localizada no bairro Granja Portugal, periferia de Fortaleza. Essa pesquisa teve como finalidade identificar os usos e apropriações da internet por parte dos jovens internautas, dentro desse estabelecimento. Na investigação, foram utilizadas as seguintes técnicas: observação participante, aplicação de questionários fechados com os frequentadores da *LAN house* e entrevista em profundidade. Por meio deste estudo pode-se perceber que a *LAN house* pode se constituir em um espaço importante no combate à exclusão digital, configurando-se como uma estratégia dos setores populares em participar dessa sociedade da Informação. Contudo ainda será necessária uma longa caminhada para tornar os usos e apropriações dentro desses estabelecimentos uma ferramenta de inclusão social.

Palavras-chave: *LAN houses*. Setores populares. Inclusão digital.

Abstract

Would a LAN house be a way to promote digital inclusion? To answer such questioning took place in a research house in the district LAN Granja Portugal, on the outskirts of Fortaleza. This research aims to identify the use and appropriation of the internet by young users within this establishment. In the investigation we used the following techniques: participant observation, questionnaires with closed-goers LAN house and in-depth interview. Through this study we can see that the LAN house performs the first step in combating the digital divide and a strategy of popular sectors to participate in this information society. However they will require a long walk to make the use and appropriation of such establishments within a tool for social inclusion.

Keywords: *LAN houses*. Popular sectors. Digital inclusion.

Introdução

Segundo pesquisas realizadas pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic)¹, 85% dos brasileiros já utilizaram um computador e navegaram na internet. Apesar da maior parcela de usuários pertencerem às classes A, B e C, acompanhamos no ano de 2009 o crescimento de internautas pertencentes aos setores populares (representados pelo Cetic como as classes D e E). Contudo, mesmo havendo certa popularização de acessos, ainda é muito dispendioso para os setores populares possuir internet residencial, fato que incentiva a busca por lugares coletivos de acesso pago à internet mais conhecidos como *LAN houses*. Hoje, 64% dos pertencentes aos setores populares utilizam esse estabelecimento, entre os quais 56% são jovens entre 16 e 24 anos.

A enorme capilaridade desses lugares de acesso – *LAN houses* – no cenário nacional, principalmente nas periferias brasileiras, suscitam muitos debates no que diz respeito ao papel desses estabelecimentos entre os setores populares. Para a Câmara dos Deputados, esses lugares devem ser considerados centros de inclusão digital²; já para alguns estudiosos, possibilitar acesso à internet não é sinônimo de inclusão digital. E é com base nesses questionamentos que daremos continuidade a este artigo.

Sociedade da informação e setores populares

No contexto da Sociedade Informacional³, a internet é a ferramenta de comunicação de maior visibilidade, sendo utilizada por um número cada vez maior de pessoas para se comunicar. Contudo,

mesmo com uma crescente adesão a esse meio, ainda existem os excluídos desse processo, e essa falta de acesso pode agravar ainda mais as desigualdades socioculturais.

Segundo Castells (2003), todos os domínios da vida social, como o trabalho, o lazer e a família estão sendo aos poucos modificados pelos usos disseminados da internet. A adesão a essa tecnologia, por parte da sociedade (mesmo sendo de forma diferenciada e potencializando diversos usos), está configurando um novo desenho social. Silveira (2001) acentua que as atividades econômicas governamentais e boa parte da produção cultural da sociedade “estão migrando para a rede sendo praticadas e divulgadas por meio a comunicação informacional” (SILVEIRA, 2001, p. 18). Mattelart (2006) reforça as afirmações anteriores quando traz informações sobre a Cúpula de Gênova⁴, de 2001, na qual foram definidas ações que visam a transformar o projeto da Sociedade da Informação em uma política pública. Durante esse evento foi desenvolvido um planejamento que propõe um plano de ação em prol da inclusão digital dos países ditos “em desenvolvimento”.

Ações propostas na Cúpula de Gênova já podem ser acompanhadas no desenvolvimento dos programas do gov.br⁵ que têm como princípio a utilização das Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC) de forma que possa agir para “democratizar o acesso à informação, ampliar discussões e dinamizar a prestação de serviços públicos com foco na eficiência e efetividade das funções governamentais” (MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, 2011). Essa política segue um conjunto de prioridades que atuam em três frentes fundamentais: universalizar serviços, estabelecer um governo ao alcance de todos e assegurar infraestrutura avançada.

¹ Essas informações estão disponibilizadas em: <www.cetic.br>. Acesso em: 16 out. 2011.

² Em abril de 2011, foi aprovado um projeto de Lei na Câmara dos Deputados em que as *LAN houses* passam a ser consideradas centros de inclusão digital. Essa atribuição tem como principal intuito a regulamentação do estabelecimento (acessar <www.camara.gov.br> para consultar informações a respeito). Disponível em: www.camara.gov.br. Acesso em: 11 fev. 2010.

³ O termo *Sociedade da Informação* está sendo utilizado para denominar essa sociedade que vem passando por diversas transformações socioculturais ocorridas principalmente no campo da comunicação por meio das TIC. DEMO, P. Ambivalências da sociedade da informação. *Revista do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 16-21, 2000.

⁴ Mais informações sobre a Cúpula de Gênova em: MATTELART, A. *História da sociedade da informação*. São Paulo: Loyola, 2006.

⁵ MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO. *Conheça o programa de governo eletrônico brasileiro*. Disponível em: <http://www.governoeletronico.gov.br/o-gov.br>. Acesso em: 22 abr. 2010.

O desenvolvimento dessas diretrizes instigaram ações como: a criação de uma Base de Dados Oficiais, uma base de dados única a todos os órgãos que contenham informações comprobatórias sobre o cidadão; o estabelecimento de convênios; a disponibilização de recursos para ONGs com foco em projetos de inclusão digital; a criação do Observatório de Inclusão Digital (ONID), que atua na coleta, sistematização e disponibilização de informações para o acompanhamento e avaliação das ações de inclusão digital no Brasil; e a implantação da Infovia Brasil, que é uma rede de comunicação que permite a integração de todos os órgãos da administração pública federal do País. Essa integração da gestão com base nas Novas Tecnologias pode facilitar, agilizar e baratear em muitos aspectos a gestão governamental. Mas não se sabe até que ponto essa ferramenta pode promover uma aproximação entre o “cidadão” e a gestão, pois ainda grande parte da população brasileira não tem acesso à internet.

Assim como o Governo Federal, a grande maioria das instituições privadas adotou as TICs como ferramentas de integração de informações de modo que possa facilitar e agilizar operações junto ao consumidor. Um exemplo disso são as empresas de telefonia que permitem a impressão de segunda via de boletos por meio da internet. O fato é que muitos que necessitam desses serviços não sabem como fazê-lo, pois não possuem habilidades no universo *online*.

Esse forte desenvolvimento tecnológico incorporado a quase todas as instituições sociais, quando dirigido aos setores populares, suscitam fortes questionamentos no que diz respeito tanto às formas de acesso à internet como também os níveis diferenciados de “competência cultural” (MARTIN-BARBERO, 2003) desse segmento social. Nesse contexto, o acesso à educação formal de qualidade se apresenta como um elemento importante. De acordo com os resultados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA⁶), o Brasil teve, em 2006, um dos piores níveis de educação em relação aos outros países “em desenvolvimento”, como a Argentina e a Coreia do Norte.

Esse quadro nacional traz à tona um sério problema: “superdesenvolvimento tecnológico e o nosso subdesenvolvimento institucional e social” (CASTELLS, 2003, p. 229). Essa problemática foi reforçada por Martin-Barbero (2003) ao discutir sobre as TICs, que, disfarçadas de ideais igualitários, podem aprofundar ainda mais os processos de desigualdades sociais a medida que mascaram, por meio de uma simulação generalizada, a “não contemporaneidade entre tecnologias e usos, objetos e práticas” (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 179).

Ou seja, o descompasso entre desenvolvimento tecnológico e os seus usos podem ser visualizados nos dados estatísticos que apresentam 74% dos pertencentes às classes D e E sem acesso à internet. Diante da forte debilidade de acesso à internet a esses setores e de outros serviços sociais, que persiste na realidade brasileira, assiste-se ao crescimento exacerbado das *LAN houses* nas periferias, que ganham força e visibilidade nesse contexto.

Problematizações sobre o papel da *LAN house* ante os setores populares

Segundo Cazaloto e Bredarioli (2008), *LAN house* é um estabelecimento comercial, ligado a uma rede local, com a finalidade de promover acesso à internet e entretenimento por meio dos jogos em rede ou *online*. Esse tipo de negócio foi popularizado na Coreia do Norte. Aqui no Brasil a primeira *LAN house*, *Monkey*, surgiu no fim de 1998. A *Monkey* foi lançada inicialmente em São Paulo e em pouco tempo ampliou o negócio para mais 50 lojas espalhadas por todo o Brasil. Em 2010, esse empreendimento chegou ao fim, fechando a sua última loja em São Paulo.

Dentre os vários motivos da falência da *Monkey* está a popularização das *LAN houses* em todo o Brasil. A apresentação dos resultados da pesquisa do Cetic.br no ano de 2007 trazem as *LAN houses* como “o local mais utilizado para o acesso à internet no país, principalmente entre os jovens e indivíduos de baixa renda”.

⁶ Disponível em: <http://www.inep.gov.br/internacional/pisa/> - O PISA é um programa internacional de avaliação comparada, cuja principal finalidade é produzir indicadores sobre a efetividade dos sistemas educacionais, avaliando o desempenho de alunos na faixa dos 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países.

Diante da forte “atuação” das *LAN houses* na periferia, esse estabelecimento é por diversas vezes considerado um poderoso instrumento no processo de inclusão digital.⁷ Contudo, a inclusão digital, de acordo com Takahashi (2000)⁸, não se reduz apenas ao acesso aos computadores e conexões. Incluir *digitalmente* é assegurar a apropriação da tecnologia de forma consciente para estimular a cidadania. Para Sorj (2003), a inclusão digital é uma ação que oferece aos beneficiados condições de autonomia, habilidades técnicas para manipular um computador e navegar na internet; assim, o internauta deve compreender as possibilidades da sociedade informacional. A inclusão é tida, dessa forma, como a liberdade de utilização e apropriação de conteúdos, criando condições para o desenvolvimento do pensamento crítico, autônomo e criativo em relação às TICs.

Não se pode assegurar que um espaço de acesso pago à internet – *LAN house* –, que disponibiliza computadores e conexão, possa estimular usos e apropriações críticos que incentivem uma ação cidadã por parte dos jovens. Contudo, é importante considerar que esses estabelecimentos representam hoje uma ligação importante dos setores populares com a internet, constituindo-se em uma maneira encontrada por esses segmentos de estarem inclusos na nova “configuração social” que surge associada ao processo de adesão às novas tecnologias.

Para Silveira (2001), a exclusão digital acontece quando existe uma privação de três instrumentos básicos: o computador, a linha telefônica e o provedor de acesso. A falta de acesso implica a exclusão dos principais fluxos informacionais da sociedade. Segundo o autor:

Como um excluído terá a mesma destreza no uso do computador, na navegação e na pesquisa na rede, na conversa em fórum de debates, na manipulação de um software, que um incluído? Quem obterá melhores chances? [...] Sem dúvida alguma é possível crer que com a maciça inclusão das pessoas na Sociedade da Informação teremos uma explosão das possibilidades de cidadania (SILVEIRA, 2001, p. 18).

Lévy (1999) reforça essa noção de inclusão/exclusão digital de Silveira (2001) quando ressalta que uma conexão de internet e um computador dão acesso a quase todas as informações onde se concentram conhecimentos, competências e processos de cooperação advindos de todas as partes do mundo, formando uma inteligência coletiva que conta com a participação de diversos povos.

Com base nas considerações de Lévy (1999) e Silveira (2001), o primeiro passo a ser dado como forma de combater a exclusão digital é o acesso à conexão. Contudo, não se pode assegurar que somente o acesso em si à internet possa ser compreendido como um elemento de combate à exclusão social. Dessa forma, faz-se necessário problematizar tais acessos, já que a tecnologia só pode promover democratização da informação, ação cidadã, e inclusão social quando aliada aos usos que são feitos dela.

De acordo com pesquisas realizadas por Cazeloto e Bredarioli (2008), que propõe um estudo mais aproximado sobre o uso e apropriações da internet dos jovens de São Paulo dentro das *LAN houses*, a maioria dos jovens buscam as *LANs* para acessar o *e-mail*, e os *sites* de redes sociais como *Orkut* e *MSN*. De acordo com os resultados da pesquisa de campo, os pesquisadores consideraram que os estabelecimentos tendem a reforçar a convivência local, o papel de *ponto de encontro*, entre indivíduos que já partilham o mesmo cenário social. “Daí a possibilidade de compararmos (metaforicamente) a *LAN house* de hoje aos coretos de praça de algumas décadas atrás.” (CAZELOTO; BREDARIOLI, 2008, p. 86).

Os mesmos autores consideram que as *LAN houses* não estimulam o potencial educacional e humano nem a cidadania, nem mesmo contribuem para a “Sociedade do Conhecimento”; ao contrário, essa possibilidade de uso da internet por parte dos jovens da periferia aumenta o fosso sociocultural entre as diferentes classes sociais. Assim, as *LAN houses*:

cumprem em grande parte a função de manter o distanciamento, dando a impressão de inserção enquanto mantêm as pessoas em seus “guetos”, geograficamente longe do centro da cidade e

⁷ CETIC, 2010.

⁸ TAKAHASHI, T. (Org.). *Sociedade da informação no Brasil*: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

circunscritas por um cotidiano que – se não for por meio do trabalho, em alguns casos – pouco permite aos jovens terem acesso a fluxos e informações diferentes dos pautados pela mídia (CAZELOTO; BREDARIOLI, 2008, p. 87).

Para os autores, a *LAN house* forma cada vez mais *internautas funcionais*, comparados aos alfabetos funcionais⁹. A análise do uso concreto da internet, e não de seu “potencial”, revela o quanto o contexto sociocultural e econômico continua sendo determinante.

Dessa forma, o uso da *LAN house* está sujeito a um contexto sociocultural. Nesses termos, podemos dizer que em cada contexto, em cada *LAN house* os usos podem ser distintos, dependendo do lugar, da região do bairro em que esse estabelecimento está inserido.

Para este artigo, serão tecidas reflexões sobre os usos e apropriações dos jovens pertencentes aos setores populares que frequentam a *LAN house* que está localizada no bairro Granja Portugal, periferia de Fortaleza.

Metodologia utilizada

No intuito de identificar quais são os usos e apropriações da internet operados no interior da *LAN house* do bairro Granja Portugal, foi utilizado como técnica de pesquisa a observação participante¹⁰,

que consiste em constantes idas ao campo de modo que se possa apreender, compreender e problematizar as vivências. Ou seja:

a observação participante é um processo pelo o qual se mantém a presença de um observador numa situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica ao participar da vida deles no seu cenário natural, colhe dados. Assim, o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por esse contexto (CICOUREL, 1980, p. 89).

Durante essa observação, buscou-se compreender o funcionamento da *LAN house* e as diversas formas de usos e apropriações não somente da internet dentro desse espaço, mas os usos e apropriações do próprio espaço.

Tendo como base esse método, foram utilizadas outras técnicas no campo de modo que fosse possível ter uma compreensão mais próxima da realidade. Assim, foram aplicados questionários fechados¹¹ para 20 jovens que frequentavam a *LAN house* com a finalidade de se obter uma noção geral acerca das rotinas de acesso tidas por esses jovens nesse estabelecimento.

Outra técnica utilizada foi a entrevista em profundidade¹². Nesse caso, foi entrevistada uma jovem que denominamos de Rute¹³ no intuito de preservar sua identidade. A entrevistada costuma

⁹ Alfabetos funcionais: termo adotado pela Unesco para definir um nível de instrução em que a pessoa sabe ler e escrever, mas é incapaz de interpretar o que lê e de usar a leitura e a escrita em atividades cotidianas (MENEZES; SANTOS, 2002 apud CAZELOTO; BRANDARIOLI, 2008).

¹⁰ A observação participante foi executada entre setembro de 2009 e setembro de 2010.

¹¹ Esses questionários foram aplicados como uma forma de selecionar os jovens que fariam parte da entrevista em profundidade, e também como uma maneira de ter uma visão geral acerca dos usos e apropriações. Realizamos, entre outras, as seguintes perguntas: Por que você frequenta a *LAN house*? Quais são os outros lugares de acesso que você utiliza? Há quanto tempo acessa a internet? Onde aprendeu acessar a internet? O que mais gosta de acessar na internet? Quais das possibilidades de acesso a internet que você acha mais interessantes? O que acha mais legal na *LAN house*?

¹² Dentre os jovens que responderam o questionário, dois se disponibilizaram a participar da entrevista em profundidade. Nessa entrevista foram feitas as seguintes perguntas: Há quanto tempo frequenta a *LAN house*? Qual o motivo de frequentar a *LAN house*? O jovem acessa a internet em outros lugares de acesso? Quais os serviços utilizados na *LAN house*? O que representa a *LAN house* para você? O que representa a internet pra você? Quais os conteúdos mais acessados na *LAN house*? Existe diferença entre acessar na *LAN house* ou em outros lugares de acesso? Quais são os seus *sites* preferidos? O que você faz nesses *sites*? Você se relaciona com alguém que frequenta essa *LAN house*?

frequentar com assiduidade de cinco vezes por semana o estabelecimento, aproximadamente duas horas por dia. A entrevista durou em torno de uma hora.

Com base nas leituras especializadas sobre as TICs, nas vivências no campo durante a observação participante e nas informações coletadas por meio das duas técnicas de pesquisa, buscamos trazer a seguir alguns esclarecimentos assim como promover alguns questionamentos acerca dos usos e apropriações da internet por parte dos jovens nas *LAN houses*.

Usos e apropriações da *LAN house* no bairro Granja Portugal

O estabelecimento pesquisado nesse trabalho funciona desde 2005. É a única *LAN house*, localizada ao redor da praça principal do bairro, que resiste no decorrer dos anos. Possui uma estrutura simples, sem excessos, com cinco cabines de computadores para o acesso pago à internet, um computador administrador, uma máquina de xérox, uma impressora multifuncional, uma máquina de encadernação, outra de plastificação e uma máquina fotográfica. Esses equipamentos são os necessários para oferecer serviços como manutenção de computadores, fotos 2x2, 3x4, 10x15, encadernações, plastificação de documentos, digitação em geral, aulas de informática, confecção de cartões de visita, impressões, xérox, confecção de currículos, realização de pesquisas escolares, cadastramentos em geral, e outros serviços *online* demandados da comunidade. Podemos dizer que, no bairro Granja Portugal, a *LAN house* funciona como uma prestadora de serviços em informática.

A referida *LAN house* funciona de segunda a sábado das 8 horas da manhã às 20 horas e 30 minutos, e a clientela é bastante diversificada. No horário da manhã, a *LAN house* é muito procurada por um público de idade variada, tanto para acessos

à internet como para serviços em geral. Dentre os serviços mais procurados estão os de Xérox e confecção de *currículos*. No período da tarde, a *LAN house* continua bastante frequentada, permanecendo a busca constante por acesso à internet e por outros serviços tais como fotos 3x4, cópias de documentos, inscrições e cadastros *online*, etc. Depois das 16 horas, o movimento de jovens cresce no estabelecimento, já que nesse espaço de tempo os jovens que estudam no período da tarde estão saindo da escola, e os que estudam no período da noite estão se dirigindo à escola.

Por mais que esse estabelecimento seja frequentado por pessoas de todas as idades em busca dos mais diversificados serviços, o acesso a internet é bem mais procurado pelos jovens entre 15 e 25 anos. Com base na observação participante, podemos perceber que muitos jovens que acessam a internet no estabelecimento priorizam os *sites* de redes sociais – *Orkut* e *MSN*, os jogos e os vídeos no *site* do YouTube. Contudo, durante a pesquisa de campo, presenciamos também muitos casos que fogem a essa regra. Esse é o caso do jovem que reservou um computador com o propósito de pesquisar sobre as inscrições do vestibular. Esse também é o caso dos rapazes e das moças que, tentando ingressar no mercado de trabalho, constroem seus currículos e deixam arquivados no computador servidor da *LAN house*.

No bairro Granja Portugal, identificamos o quanto a existência da *LAN house* permitiu a acessibilidade de grande parte dos moradores do bairro. Isso acontece porque a maioria dos que vivem ali não possui internet residencial e os lugares de acesso gratuito existentes no bairro, como é o caso da Escola e da Casa Brasil, programa de inclusão digital instalado no bairro desde 2007, não disponibilizam um acesso livre.

Ambas as instituições, Casa Brasil e Escola, possuem telecentros equipados com computadores e internet banda larga, mas o acesso só é permitido

¹³ Frequenta a *LAN house* todos os dias no período da manhã. Durante sua permanência não costuma conversar com ninguém. Apenas cumprimenta o dono do estabelecimento e senta no primeiro computador desocupado. Mônica não costuma conversar com os usuários vizinhos e sempre que usa o computador utiliza os fones de ouvido. Magra, branca, estatura média, usa óculos, cabelos encaracolados e constantemente amarrados. Sempre com um jeito acanhado não parece ser pessoa de muitos amigos e conhecidos. Mora com os pais, com idade de 22 anos ainda não conseguiu o primeiro emprego. Terminou o segundo grau com 18 anos e desde então só frequenta cursos profissionalizantes como, por exemplo, secretariado. Aprendeu a utilizar um computador durante um curso de informática na época da escola, e aprendeu a navegar na internet com alguns colegas na *LAN house*.

em conjunto com atividades preestabelecidas pelo professor da escola ou pelo professor dos cursos da Casa Brasil. Nessas instituições, não é permitido o acesso livre. Dessa forma, o único lugar do bairro que permite livre navegação é a *LAN house*. Esse fato faz com que o número de internautas que acessam a internet por meio desse tipo de estabelecimento seja muito maior do que os usuários que a acessam na Casa Brasil e na Escola. Nesse contexto, enquanto a maioria dos jovens que vivem no bairro Granja Portugal frequenta ou já frequentou, pelo menos uma vez a *LAN house*, muitos jovens, entrevistados na *LAN house*, desconhecem inteiramente a existência de programas de inclusão dentro do bairro.

Em relação aos *usos* da *LAN house*, foram levantados os seguintes resultados: dos 20 jovens que responderam ao questionário fechado na *LAN house*, cinco utilizam a *LAN house* somente para acessar a internet, dez afirmam que possuem como prioridade no uso e apropriação da *LAN house* a resolução de problemas técnicos como impressões de currículo, digitação de trabalhos, pesquisas de emprego na internet e impressões em geral e que aproveitam a oportunidade para consultar os *e-mails* e as redes sociais em geral. Os outros cinco entrevistados pouco utilizam a internet na *LAN house*, pois possuem internet residencial ou acessam em outros lugares. Estes últimos frequentam o estabelecimento para utilizar os outros serviços disponibilizados pela *LAN house*, como a confecção de currículos.

Orkut, MSN e YouTube estão entre os *sites* mais acessados. Entre os entrevistados, nenhum citou a Casa Brasil (programa de inclusão instalado no bairro desde 2007) nem a escola como opções de lugares de acesso. Outra informação de grande relevância nas entrevistas é que quase todos os entrevistados aprenderam a acessar a internet na *LAN house* com os amigos ou sozinho. Apenas três dos entrevistados afirmaram ter aprendido acessar a internet em cursos de informática.

Na entrevista em profundidade, identificamos que as apropriações da internet estão associadas preponderantemente ao lazer. Contudo, a entrevistada

afirmou que, apesar de possuir cadastro no Orkut e no MSN, o principal motivo para acessar a internet é buscar informações que não estão nos meios de comunicação convencionais televisão e o rádio. Segundo Rute¹⁴, entrevistada na *LAN house*: “Porque... por entretenimento mesmo, porque a televisão tá saturada de coisas que eu não gosto, o rádio só passa músicas que eu não gosto e na internet eu acesso só as coisas que eu gosto”. Os principais *sites* acessados por Rute são o YouTube e os *sites* de letras de música, pois ela gosta de ler as traduções de música de rock em inglês. Segundo a entrevistada, apesar de encontrar inúmeras informações na internet, não deposita muita credibilidade nas informações que acessa; por isso, associa sempre a internet ao entretenimento.

Na entrevista sobre a importância da *LAN house* para o bairro, Rute deu a entender que esse estabelecimento surgiu para atender uma demanda da comunidade por entretenimento ou mesmo por resoluções de problemas técnicos: “Acho que ela representa lazer, pra quem procura lazer. Representa ajuda pros que procuram ajuda ... no caso de pessoas que precisam bater uma xerox, fazer um currículo... É uma boa ideia essa colocação de *LAN house* nos bairros” (RUTE, 20 anos, internauta da *LAN house*).

Ela é uma das jovens que, além de utilizar a *LAN house* para acessar a internet, também possui currículo criado pelo funcionário do estabelecimento e arquivado no computador servidor.

De acordo com as informações coletadas, podemos compreender a *LAN house* como uma “estratégia” criada pela comunidade para usufruir da internet e se inserir nessa configuração planetária denominada por muitos autores como Sociedade da Informação.

As “formas de uso” das tecnologias por parte dos setores populares é permeada constantemente pelas *relações de força*, que se inscrevem frequentemente durante o acesso dos jovens à internet. Por meio dessas relações de forças dentro das estruturas de acesso emergem as *estratégias*¹⁵ e as *táticas*¹⁶. O funcionamento da *LAN house* dentro do bairro é uma *estratégia* criada pela comunidade para se adaptar às

¹⁴ Nome fictício para preservar a identidade da jovem entrevistada.

¹⁵ As estratégias são vistas, nesse caso, como uma organização, uma sistematização de ações diante de uma imposição para se adaptar a uma situação. Já as táticas são os dribles realizados numa estrutura de poder (CERTEAU, 1994).

¹⁶ “Em suma, a tática é a arte do fraco” (CERTEAU, 1994, p. 101). São as astúcias que diante das imposições dominantes, criam surpresas, conseguem estar onde ninguém espera. Essas estratégias e táticas estão presente nos usos da internet no bairro.

imposições da Sociedade da Informação. Como já mencionado anteriormente, a *LAN house* não oferece somente o acesso à internet; nela podem-se realizar inúmeros serviços *online*, e esses serviços podem ser executados sem que seja necessário saber manipular um computador sendo executados pelos funcionários do estabelecimento.

Um serviço, muito curioso, solicitado por jovens estudantes é a “pesquisa escolar”. Já presenciamos inúmeras vezes garotos (as) solicitarem tal serviço. O intermediador sempre pergunta qual o tema, quantas páginas e se terá gravuras. Após a resposta do estudante, o intermediador rapidamente segue para a internet, copia, cola e imprime. A taxa cobrada corresponde somente aos custos de impressão. Diante desse fato, percebemos o quanto a noção de inclusão digital é equivocada por parte das instituições escolares e também por parte das políticas públicas que investem em estrutura técnica sem se preocupar com os aspectos metodológicos que envolve à adesão a essas novas tecnologias.

Considerações finais

A cada dia que passa o acesso à internet se torna mais popularizado, e essa popularização foi iniciada com o surgimento e a expansão das *LAN houses* nos bairros de periferia. Por meio desses lugares coletivos de acesso pago, foi possível que uma grande porcentagem desses setores entrasse em contato com a Sociedade da Informação.

Por mais que essa forma de acesso seja questionável e considerada, muitas vezes, uma forma de reprodução do modelo comunicacional vigente¹⁷ em que são formados apenas *internautas funcionais*, os acessos precisam acontecer para que assim todos possam fazer suas escolhas na rede. Conviver na Sociedade da Informação sem ter nenhuma noção a respeito da internet e suas diversas possibilidades será ficar à margem de todo o processo de interações, trocas de informações, enfim, da “inteligência coletiva” que esse meio proporciona.

Porém, depositar no meio toda a expectativa para a solução de muitos problemas sociais, por meio da promoção de valores igualitários, configura-se como um ideal romântico.

De acordo com os dados coletados, identifica-se que a *LAN house* pode se constituir em um espaço importante no combate à exclusão digital, configurando-se como uma estratégia dos setores populares em participar dessa Sociedade da Informação. A multiplicação desses estabelecimentos está sendo de fundamental importância nesse processo de digitalização, pois está permitindo que um bairro de periferia possa, de alguma forma, estar conectado aos acontecimentos virtuais. Para Sorj (2003, p. 14), “embora as novas tecnologias não sejam uma panacéia para os problemas da desigualdade, elas constituem hoje uma das condições fundamentais da integração na vida social”.

Mesmo havendo uma “necessidade imposta” por uma organização social superior, que dita que todos os seres humanos precisam saber manipular um computador, ou mesmo manipular a internet, esses moradores do bairro, dentro de suas trajetórias, encontraram uma forma de transpor essa dificuldade: criaram “estratégias” (CERTEAU, 1994), representada pela *LAN house*, um lugar no qual podem vivenciar essa Sociedade da Informação. Além disso, vale destacar que a *LAN house*, além de se apresentar como uma estratégia, é também um espaço permeado de táticas (CERTEAU, 1994, p. 93), redefinidoras de políticas públicas e privadas de promoção dos discursos da inclusão.

Nessa perspectiva, é importante destacar que ainda será necessária uma longa caminhada para tornar os usos e as apropriações dentro desses estabelecimentos uma ferramenta efetiva de inclusão social. Ou seja, embora possamos reconhecer o importante papel das *LAN houses* junto aos setores populares no combate à exclusão digital, não se pode considerar que os acessos realizados na *LAN house* se configurem por si como um fator de deslocamento necessário da inclusão digital para uma inclusão social.

¹⁷ CAZELOTO, E.; BREDARIOLI, C. Internet na periferia: entre o potencial e o uso concreto. *Revista Galáxia*, São Paulo, v. 89, n. 16, p. 79-90, 2008.

Referências

CASTELLS, M. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAZELOTO, E.; BREDARIOLI, C. Internet na periferia: entre o potencial e o uso concreto. **Revista Galáxia**, São Paulo, v. 89, n. 16, p. 79-90, 2008.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CENTRO DE ESTUDOS SOBRE AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO – CETIC. **Portal do CETIC**. Disponível em: <www.cetic.br>. Acesso em: 22 abr. 2010.

CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, A. Z. (Org.). **Desvendando as máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1980. p. 87-121.

DEMO, P. Ambivalências da sociedade da informação. **Revista do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 16-21, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Portal do IBGE**. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 maio 2010.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARTIN-BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo**. São Paulo: Loyola, 2003.

MATTELART, A. **História da sociedade da informação**. São Paulo: Loyola, 2006.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO – MCTI. **Portal do Casa Brasil**. Disponível em: <www.casabrasil.gov.br>. Acesso em: 15 maio 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Portal MEC**. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 8 abr. 2010.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO. **Conheça o programa de governo eletrônico brasileiro**. Disponível em: <http://www.governoeletronico.gov.br/o-gov.br>. Acesso em: 22 abr. 2010.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO A CIÊNCIA E A CULTURA – UNESCO. Portal da UNESCO. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/>. Acesso em: 6 abr. 2010.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO. **Portal gov.br**. Disponível em: <www.governoeletronico.gov.br>. Acesso em: 28 set. 2010.

SILVEIRA, S. A. **Exclusão digital**: a miséria na era da informação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

TAKAHASHI, T. (Org.). **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

SORJ, B. **brasil@povo.com**: a luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Brasília: Unesco, 2003.

Recebido: 26/02/2011

Received: 02/26/2011

Aprovado: 26/05/2011

Approved: 05/26/2011